

# “VIAGENS ERRANTES NO UNIVERSO ROMANESCO DE JULIEN GRACQ”

Ana Isabel Moniz  
Depart° de Estudos Romanísticos  
Universidade da Madeira

A obra ficcional de Julien Gracq gira em torno do tema da espera, a inquietante espera de que alguma coisa aconteça e, conseqüentemente, altere o decorrer normal e monótono do quotidiano. As personagens existem em função de uma permanência angustiante, constantemente à espera de algo que galvanize a sua própria existência, a sua própria história de vida.

A permanência surge como resultado final da deslocação no espaço do herói que parte à descoberta de novos lugares com o objectivo da (re)conquista das (suas) origens e do (seu) destino através de um processo de interiorização e de maturação individual. O primeiro passo é, à semelhança do cavaleiro medieval - imagem recorrente em toda a obra de Gracq - a procura de novos lugares e, por conseguinte, de novos estádios. Isto pressupõe uma viagem que lhe permitirá a evasão e conseqüente isolamento.

De uma maneira geral, a viagem exprime a vontade de novas experiências aliada ao profundo desejo de mudança interior. É a resposta à necessidade de transformação interior que faz com que as personagens se movam de um para outro lugar. Esta busca incessante e desenfreada do seu ser mais profundo, ou seja, da sua própria identidade é o centro vital da obra deste autor que, sem confessá-lo, se encontra ao lado de André Breton no Surrealismo.

A viagem sugere ou surge como oportunidade de aventura e fuga à rotina do sedentarismo. No entanto, uma viagem implica, subtilmente, um regresso o que, de uma maneira geral, não se verifica no universo ficcional de Julien Gracq. Trata-se de um viajar que tende a tornar-se errância, ainda que esta atenuie as fronteiras de espaço, tempo ou exílio.

A palavra errância consegue seduzir-nos devido à instabilidade semântica dos diferentes sentidos que nela vamos projectando ao longo dos tempos, dos lugares e das culturas. Assim, evoca, de imediato, o poeta romântico, estranho e melancólico, incompreendido pelos outros homens. A fuga para vida idílica do campo surge como resposta ao mal-estar que os românticos experimentam na cidade e na sociedade do homem comum.

Nesta perspectiva, na ficção romanesca de Gracq, da qual destaco *Au Château d'Argol*, *Un beau ténébreux*, *Le rivage des Syrtes* e *Un balcon en forêt*, a fuga ao quotidiano é desencadeada pelo abismo que existe entre o herói e a sociedade provocando, deste modo, a viagem ou, por outras palavras, a errância.

Com efeito, todos os textos começam com o motivo da viagem. No incipit de *Au château d'Argol*, Alberto, o protagonista, desloca-se a pé para a floresta de Storrvan onde acaba de comprar um castelo, o espaço que servirá de palco à sua busca interior.

Por sua vez, "Ce matin, promenade à pied à Kérantec" ou, "Esta manhã, passeio a pé a Kérantec" é a frase que serve de intróito ao diário de Gérard, o primeiro capítulo de *Un beau ténébreux*.

Novamente, a presença da viagem em *Le Rivage des Syrtes* em que o herói, o herdeiro de uma das mais antigas e prósperas famílias de Orsenna, cansado da sua existência boémia parte em busca de um novo ideal de vida. Fixa-se ou permanece na fortaleza junto ao mar de Syrtes onde a centenária iminência de uma guerra o leva a deambular, mergulhando-o em profundos pensamentos.

Em *Un balcon en forêt*, Julien Gracq retoma o tema da guerra e, uma vez mais, o da deslocação no espaço. Grange, o herói mobilizado, é obrigado a partir para a casa-forte de Ardennes, perto de uma floresta quase encantada, na qual se abandona em longas caminhadas de meditação.

Deste modo, a errância é a linha de fundo que organiza e orienta a produção ficcional do autor que, por sua vez, antecipa a permanência num determinado lugar eleito pelo herói. A eleição desse espaço deve-se ao carácter tentador do mesmo que, subtilmente, seduz a personagem. No seguinte excerto de *Un balcon en forêt*, são a claridade e a grandiosidade da floresta que cativam o protagonista e, conseqüentemente, o incitam à deambulação:

"Au-delà de la futaie l'allée continuait, ensoleillée, glorieuse, plus invitante dans sa fuite douce que tout au monde (...). (*Un balcon en forêt*, p. 212) <sup>(1)</sup>

Por vezes, a escolha do espaço surge como uma imposição transcendente, superior a uma qualquer explicação racional:

"La forêt paraissait se refermer sur lui plus étroitement. Grange se sentait poussé aux épaules par un vent inconnu qui se levait sur cette terre douteuse et sans loi, plus ouverte que les rêves de la nuit". (*Un balcon en forêt*, p. 212-3)

Nestes excertos, a floresta, duplamente representada através do conteúdo semântico de *forêt* e *futaie*, ao qual é associado *allée*, apresenta-se extremamente convidativa. Este excesso é transmitido através da sucessiva aplicação do advérbio "plus" em "l'allée continuait plus invitante" e "cette terre (...) plus ouverte". A incitação à errância neste espaço é, também, evidente através da sua caracterização "ensoleillée", "glorieuse" e em particular, "plus invitante dans sa fuite douce" (ou seja, mais convidativa na sua doce evasão).

O convite torna-se mais concreto quando o protagonista se sente empurrado por um vento desconhecido visível na frase "se sentait poussé aux épaules par un vent inconnu". Por sua vez, a descrição da floresta como um espaço envolvente, vei-

---

<sup>(1)</sup> Neste trabalho, as indicações de página do texto *Un balcon en forêt* de Julien Gracq, reportam-se à edição José Corti de 1958.

culada pela expressão: "La forêt paraissait se refermer sur lui" distancia o herói do mundo real, projectando-o num mundo superior.

No imaginário comum a floresta surge como um espaço aberto onde se estabelece a ligação entre a terra e o céu, através da árvore, seu elemento integrante. As raízes prendem-na à terra enquanto os ramos a projectam e ligam ao céu. Este excerto aponta, assim, para uma subtil divisão entre o mundo real ou terrestre e o mundo imaginário ou superior, demonstrando a perpétua tensão entre este e a realidade.

Deste modo, em Julien Gracq, o real e o imaginário apresentam-se sob a forma de dois mundos complementares, exclusivos e independentes um do outro. O espaço da demanda e também da espera do acontecimento é representado, habitualmente, por uma fronteira que, para o herói, separa o espaço conhecido de um espaço desconhecido. Este fixa obstinadamente esta linha que liga os dois mundos.

"Grange avait compris peu à peu pourquoi il aimait emmener Hervouet dans ses tournées de nuit. La frontière le fascinait (...). C'était une ligne de vie qui les reliait, tendue seule au travers de la nuit pesante." (*Un balcon en forêt*, p. 160)

O excerto demonstra, claramente, o delírio experimentado por Grange perante o espaço interdito, a "terra prometida", que permanece, misteriosa, uma realidade não desvendada.

A linha do horizonte, frequentemente referida nas obras deste autor, representa o limiar entre os dois mundos e aponta, também, para o futuro. Desta forma, a errância, a marcha direccionada para essa linha de demarcação é, simbolicamente, a tentativa de decifração do devir. O futuro para o qual converge a espera e se dirige a demanda é, também, em última instância, o porvir e, naturalmente, a morte, o horizonte último da nossa existência.

Segundo Marie Francis <sup>(2)</sup>, em Gracq, a espera representa "l'attente de l'évènement", ou seja, o momento que antecede e prepara o acontecimento, o prelúdio de um jogo mortal, sendo, pois, um processo e não um resultado. Esta espera é, indefinidamente prolongada e ampliada através dos motivos privilegiados da diegese, tais como o amor ou o sonho. Apesar da complexidade do enredo e apesar das pausas, reclama, no entanto, uma lenta progressão. Como Penélope, a espera é, também, uma tecedeira incansável que desfazendo o seu trabalho remete, simbolicamente, para a suspensão do tempo e, por conseguinte, para o prolongamento da espera do acontecimento.

Este acontecimento, quase sempre catastrófico - assassínio, suicídio, guerra - é o aspecto ou forma renovada de uma morte individual ou colectiva. Assim, as personagens existem a partir da possibilidade de morrerem.

De uma maneira geral, estas encontram-se intimamente ligadas à paisagem, razão pela qual a descrição ocupa um lugar de destaque no interior da ficção fazendo parte de uma

---

<sup>(2)</sup> Marie Francis. 1979. *Forme et signification de l'attente dans l'oeuvre romanesque de Julien Gracq*. Paris: Nizet

técnica narrativa através da qual o mundo é descrito a partir do ponto de vista de uma personagem.

A focalização interna faz da paisagem não um simples ambiente, mas, segundo Michel Collot, citando Baktine <sup>(3)</sup> um horizonte intimamente ligado à consciência do herói:

“Je m'ennuie et je vais partir. (...) Alors, il vaut mieux partir à temps. (...) Le lieu, cette plage blême, ces landes confuses (...) a sans doute quelque chose de maléfique. J'ai parfois l'impression de rêver éveillé.

Après demain, je ferai mes malles.”

(Un beau ténébreux, p.44) <sup>(4)</sup>

Contrariamente a um narrador que observa as personagens do exterior, aqui o leitor participa, interiormente, com o herói, comungando da sua perspectiva, seja ela parcial ou imparcial.

A presença da viagem - directamente representada neste excerto através do conteúdo semântico do verbo “partir” e da expressão “je ferai mes malles” - pressupõe uma partida forçada, imposta por uma vontade superior que a própria personagem não sabe explicar. Por sua vez, o tédio e o silêncio que caracterizam o lugar onde a personagem se encontra, contagia-a. A praia acima descrita como um lugar árido e confuso oprime o protagonista que, angustiado, espera a irrupção de algo, (isto é, do acontecimento) que venha alterar o vazio da sua existência.

Condenadas à errância, o espaço reflecte-se, no interior das personagens, fazendo-as agir, neste caso, partir. A errância resulta, aqui, de uma angústia interior, de uma incapacidade de adaptação, levando-as a uma constante procura, a uma insaciável busca dentro de si mesmas.

É nesta perspectiva que no universo romanesco do autor, a errância no espaço exterior se encontra, intimamente ligada à errância no interior do espírito. Desta maneira, a permanente deambulação no espaço surge como forma de meditação, uma espécie de demanda interior a que se encontram submetidas as personagens. Saliente-se que Julien Gracq retoma o mito do Graal, como metáfora da busca humana. A desejada purificação interior a par da alteridade, encontra-se simbolizada através das sucessivas deslocações no espaço empreendidas pelas personagens que, incessantemente, procuram o reencontro com o Outro.

Por sua vez, o horizonte definido pelo ponto de vista de um sujeito, designa a totalidade daquilo que este vê, mas, também, implicitamente, aquilo que pressente: “le lieu, (...) a sans doute quelque chose de maléfique”.

O aspecto premonitório expresso na frase leva a que, no universo diegético, sejam criadas as condições para a decifração de todo um conjunto de sinais que, indirectamente, conduzam o leitor à dimensão simbólica do texto.

Sabemos, através de Roland Barthes, como os indícios desempenham um papel significativo na construção da diegese,

<sup>(3)</sup> Michel Collot. “Les guetteurs de l'horizon” in Julien Gracq 2. *Revue des Lettres Modernes*. Paris:Minard (pp. 109-126)

<sup>(4)</sup> Neste trabalho, as indicações de página do texto *Un beau ténébreux* de Julien Gracq, reportam-se à edição José Corti de 1945.

garantindo a sua progressão numa ou noutra direcção. Detêm, pois, a função de antecipar determinado efeito ou acontecimento pretendido pelo autor, sugerindo atmosferas, caracteres e sentimentos, de modo a que os elementos que constituem o texto convirjam para um determinado efeito. É, nesta perspectiva que, os sinais, indícios e premonições permitem atingir, por intermédio da percepção do leitor, a concretização da própria intriga.

Deste modo, o mal-estar sentido pelo protagonista relativamente ao lugar onde se encontra, "cette plage blême, ces landes confuses" funciona como o indício do projecto de partida. Por sua vez, a premonição presente na caracterização da praia como um espaço maléfico, concretizar-se-á, mais tarde, por ser precisamente aí que ocorrerá o suicídio de Allan e Dolorès.

De uma maneira geral, no universo ficcional de Gracq, a errância sugere a permanência num determinado lugar eleito pelo herói. Contudo, a constante procura de algo que, interiormente, galvanize a sua existência implica a constante permanência na errância. Assim, o sujeito errante tem como objectivo reencontrar o vazio da sua existência a fim de tentar colmatá-lo. No entanto, é no decorrer das longas deambulações que o herói desencadeia o processo de criação através da sua experiência do mundo.

Para concluir e parafraseando Alexandre Laumonier <sup>(51)</sup>, a errância moderna assenta na distinção entre interioridade e exterioridade. O sujeito torna-se, ele próprio, o espaço intermediário, a própria fronteira da errância, tentando reconciliar-se, intimamente, com os lugares do mundo.

---

<sup>(51)</sup> Alexandre Laumonier, 1997. "L'errance ou la pensée du milieu" in Magazine Littéraire, n° 353, avril 1997 (pp. 20-25)